

Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia - Programa de Pós-graduação em Filosofia

XII Semana de Pesquisa em Filosofia

02 a 05 de junho de 2025



Caderno de Resumos

Apresentação

A Semana de Pesquisa em Filosofia é um evento realizado pelo Departamento de Filosofia desde 2021, e, desde 2012, em conjunto com o Programa de Pós-graduação em Filosofia, com o objetivo de estabelecer um espaço de disseminação e discussão das pesquisas discentes realizadas pelos estudantes de graduação e pós-graduação em Filosofia da UEM, recebendo também estudantes de outras áreas e instituições.

O evento promove o contato e integração entre estudantes de todos os níveis, promovendo a experiência de apresentarem suas comunicações, moderarem e debaterem as pesquisas e organizarem o evento. Em 2025, o evento celebra os 25 anos do início do curso de Filosofia da UEM e o início de seu curso de Doutorado.

Neste ano, instituímos o prêmio “Victor Hugo Mazia” de excelência acadêmica para trabalhos apresentados durante a XII Semana de Pesquisa em Filosofia. O prêmio será concedido à melhor comunicação apresentada por estudante de curso de Mestrado em Filosofia e à melhor comunicação apresentada por estudante de curso de Doutorado em Filosofia, regularmente matriculados na UEM ou outra IES.

Comissão Organizadora

Wagner Dalla Costa Félix
Márcio Pires
Evandro Luís Gomes

Programação

Segunda-feira, 02 de junho

Mesa-Redonda I

19h00 – Abertura

19h30 – *A encruzilhada é uma escola. Exu o professor: o arquétipo de Exu como condutor de um ensino de filosofia decolonial*

Adriana Paula de Souza (Mestranda – PGF-UEM)

20h00 – *O papel do mito dentro da dramaturgia de Jean-Paul Sartre*

Fernando Alves Silva Neto (Mestre em Filosofia – PGF-UEM)

20h30 – *A má consciência e a intencionalidade posta em questão no pensamento de Levinas*

Sergio Sartor (Mestrando – PGF-UEM)

21h00 – *Comentário sobre A fenomenologia e seu significado de visão de mundo, de Edith Stein*

Guilherme Henrique Ussueli (Graduando em Filosofia – UEM)

21h30 – *O trágico e o sublime: caminhos para uma formação integral do homem em Friedrich Schiller*

Matheus Oliveira Pinheiro da Silva (Mestrando – PGF-UEM)

22h00 – *Teologia política e teoria da constituição: uma luta de gigantes acerca do mito em Weimar*

Caio Henrique Lopes Ramiro (Mestrando – PGF-UEM)

Terça-feira, 03 de junho

Mesa-Redonda II

14h00 – *A querela da ciência média: uma análise filosófica da controvérsia entre livre arbítrio e onisciência divina*

Vanessa Freitag de Araújo (Doutoranda – PGF-UEM)

14h30 – *O "anti-" de Wittgenstein e a filosofia*

Marcelo Ferreira Ribas (Doutorando - PPGFil-UEL)

15h00 – *O local da referência em Ideias I de Husserl*

Matheus Marcus Gabriel Mellado (Doutorando – PPGF - UNIFESP)

15h30 – Intervalo

16h00 – *O que ensinar sobre lógica? As abordagens sobre lógica(s) nos livros didáticos do PNLD do Ensino Médio entre os anos 2009 e 2024*

Rafael da Silva da Silveira (Doutorando – PGF-UEM)

16h30 – *Consciência e consciência moral na perspectiva fisiopsicológica*

Osni Carlos de Souza Gali (Doutorando – PGF-UEM)

17h00 – *Feyerabend e a relação decolonial*

Jeferson Scacchetti Prado (Doutorando – PGF-UEM)

17h30 – *Andarilhos no país das utopias: heterotopia e narrativas de viagem medievais*
João Lucas Mota Peixoto Ribas (Mestrando – PGF-UEM)

Mesa-Redonda III

19h30 – *O desconforto como disposição originária em Heidegger e no Buda*
Jeferson Wruck (Doutorando – PGF-UEM)

20h00 – *Semiose animal*

Luccas Vaz Dantas dos Santos (Doutorando – PGF-UEM)

20h30 – *Tecnologia, dominação e resistência: a grande recusa de Herbert Marcuse no contexto do capitalismo digital*

Carla Tatiane da Silva (Mestranda – PGF-UEM)

21h00 – *A educação como abertura do ser: um estudo filosófico em Heidegger*
Tiffany Ioannidis (Mestranda – PGF-UEM)

21h30 – *Tolerância: em G. E. Lessing e Herbert Marcuse*

Ana Letícia de Souza Candido da Silva (Mestranda – PGF-UEM)

22h00 – *Rap é compromisso: engajamento sartriano na música Brasil com P de Gog*
Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes (Doutorando – PGF-UEM)

Quarta-feira, 04 de junho

Mesa-Redonda IV

14h00 – *O debate hermenêutico na jurisprudência saudita*

Luisa Pastorini de Castro (Graduanda em História – UEM)

14h30 – *A origem da linguagem e o dizionario mentale comune de G. Vico*
Ana Carla Rodrigues Ribeiro (Doutoranda – PGF-UEM)

15h00 – *Herbert Marcuse e a ideia de liberdade em Eros e civilização*

Paulo Rossato (Graduado em Filosofia – UEM)

15h30 – Intervalo

16h00 – *O lugar da prudentia na construção política da civitas em Marsílio: a Prima Dictio do Defensor Pacis*

Peterson Razente Camparotto (Mestrando – PGF-UEM)

16h30 – *Brevíssimo diálogo entre a filosofia e o pensamento indígena*

Sinclair Pozza Casemiro (Mestranda – PGF-UEM)

17h00 – *Perspectivismo ameríndio: possível ontologia para descolonizar o pensamento do povo brasileiro*

Francielle Pires Freire Favareto (Mestranda – PGF-UEM)

17h30 – *A intuição intelectual como ato da autoconsciência no conhecimento da identidade originária do eu absoluto na obra Sistema de filosofia transcendental de Schelling*

João Hentges (Doutorando – PGF-UEM e Docente – DFL-UEM)

Mesa-Redonda V

19h30 – *A emergência de nanorrobôs como tecnologias de controle mental*

Gian Carlos Galhardo (Doutorando – PGF-UEM)

20h00 – *O problema do ser numa metafísica do ente: notas sobre a relação entre "ens" e "esse" em Santo Tomás de Aquino*

José Nunes Leite Neto (Mestrando – PGF-UEM)

20h30 – *Fui à história procurar: vestígios benjaminianos e sintomas žižekianos na dramaturgia de Jorge Andrade*

Hugo do Nascimento Paes (Mestrando – PLE-UEM)

21h00 – *A concepção de sociedade segundo Blaise Pascal*

Samuel Roberto Silva (Graduando – Filosofia – UEL)

21h30 – *O declínio estético na cultura grega e a morte da tragédia como sintoma a partir da obra O nascimento da tragédia, de Friedrich Nietzsche*

João Victor Rodrigues Pinto (Mestrando – PGF-UEM)

22h00 – *Um lamentável dicionário de melancolia: a questão do progresso na obra prosaica de Charles Baudelaire*

Felipe Silva Terto (Mestrando – PGF-UEM)

Quinta-feira, 05 de junho

Mesa-Redonda VI

14h00 – *Capitalismo como ordem social institucionalizada: condições de fundo e lutas de fronteira*

Pamela Pereira Prestupa (Pós-Doutoranda - PPGFil-UEL)

14h30 – *O conceito Schuld em Walter Benjamin*

Murilo Clemente da Silva Amancio (Mestrando – PGF-UEM)

15h00 – *Do Euclides à lógica formal: o desenvolvimento do método científico em Christian Wolff segundo Wolfgang Röd*

Fábio César Scherer (Docente – PPGFil – UEL)

15h30 – Intervalo

16h00 – *A resposta de Kant à crítica de Gentz*

Charles Feldhaus (Docente – PPGFil – UEL)

16h30 – *Considerações sobre influências patrísticas e escolásticas na Teologia Natural de Christian Wolff*

Emanuel Lanzini Stobbe (Pós-Doutoranda - PPGFil-UEL)

17h00 – *O otimismo em Nietzsche em tempos decadentes*

Wellington Sá da Silva (Mestrando – PGF-UEM)

17h30 – *"Indivíduo soberano" e animalidade na segunda dissertação da Genealogia da Moral*

Alexander Gonçalves (Docente – PGF-UEM e UENP)

RESUMOS

A encruzilhada é uma escola, Exu o professor: o arquétipo de Exu como condutor do ensino de filosofia decolonial

Adriana Paula de Souza

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: Exu é o começo, ele é aquele que matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje, é ele quem coloca e tira palavras da boca, senhor da comunicação e dono dos caminhos, trabalha nas encruzilhadas para as diversas transformações possíveis. Exu é um Orixá que trabalha na ação e na educação, podemos utilizar de toda sua significação mitológica e ancestral para conduzir o caminho do exercício filosófico de pensar o ensino de filosofia e suas aplicações práticas no contexto de sala de aula. Utilizando o referencial teórico de Luiz Rufino, com sua obra *Pedagogia das encruzilhadas*, proponho enxergar a encruzilhada como o início de um saber ancestral e condutor de práticas de ensino decoloniais. O saber praticado que impulsiona o fazer em sua prática diária, podendo ser relacionado com as diversas possibilidades de ações que impulsionam o agir dos sujeitos no contexto de sala de aula. Minha proposta é pensar o quanto a representação de Exu, em sua pluralidade, nos permite direcionar o ensino de filosofia de maneira responsável.

Palavras-chave: Exu; Encruzilhada; Pedagogia decolonial.

O papel do mito dentro da dramaturgia de Jean-Paul Sartre

Fernando Alves Silva Neto

Mestre em Filosofia – PGF-UEM

Resumo: Para compreender-se o teatro de Sartre, a noção de mito é importante, pois só ela torna compreensível o significado de sua expressão de que o teatro é “um grande fenômeno coletivo e religioso” (SARTRE, 1992, p. 64, tradução nossa). Para tanto, o objetivo é expor de maneira breve a importância do mito dentro da dramaturgia sartriana, pois o mito não se limita somente à compreensão de *As moscas* (1943), drama que se passa em cenário grego antigo, mas também à de todas as suas outras peças, em especial para compreender o próprio estilo dramático de Sartre, pois ele salienta que o verdadeiro campo de batalha do teatro é o da tragédia grega – drama que incorpora um autêntico mito. Diante disso, pretendemos mostrar que, sem a compreensão deste conceito, torna-se difícil entender a estrutura do drama sartriano.

Palavras-chave: Existencialismo; Teatro; Situações; Mito.

A má consciência e a intencionalidade posta em questão no pensamento de Levinas

Sergio Sartor

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: Trata-se de pensar, a partir da questão da má consciência na obra levinasiana, a originalidade da consciência não-teórica. A interpretação que Levinas fornece da fenomenologia husserliana indica a correspondência ou concordância entre o ser e o pensamento que o visa, de modo que seja possível, ao próprio pensamento, pensar à sua medida, isto é, de tal forma que o ser manifesto é igualado à intenção que o visa; desse modo, o ser vem ao encontro da intenção confirmando-a e também não aparecendo como o que poderia transbordá-la. A partir disso, podemos destacar, quando procuramos pensar o encontro com o Outro, certo conjunto de questões: se há uma relação essencial entre o ser e o modo pelo qual ele aparece para a consciência, se, com a intencionalidade, não estamos mais diante de um pensamento que, com suas próprias leis psicológicas, deve apenas refletir algum real exterior com maior ou menor fidelidade, em suma, se com a intencionalidade, que indicaria algum fora-de-si, temos, ao mesmo tempo, distância e acessibilidade ou o distante a dar-se e ser apreendido, se o pensado é, simultaneamente, o outro e o próprio do pensamento, e se tudo isso indica a identificação do Mesmo; podemos perguntar, então, se a intencionalidade é suficiente para a possibilidade de pensar uma relação com o Outro na qual este possa se manter em sua alteridade irreduzível, ou seja, uma relação na qual o pensamento não é capaz de igualá-lo, pois se trata de algo que extravasa a sua medida. Por fim, o que queremos considerar aqui é a seguinte questão: não devemos pôr em questão a intencionalidade, fazendo emergir, na relação com o Outro, outra estrutura de pensamento e outra forma de compreensão do que é o sentido? Queremos mostrar que Levinas visa o questionamento do sentido ontológico do ser. Abordaremos, para trabalhar esse problema, dois ensaios do filósofo: A consciência não-intencional e A má consciência e o inexorável.

Palavras-chave: Levinas; Ética; Má-consciência; Intencionalidade.

Comentário sobre “A fenomenologia e seu significado de visão de mundo”, de Edith Stein

Guilherme Henrique Ussueli

Graduando – Filosofia-UEM

Resumo: Edith Stein (1891-1942) em seu texto “A fenomenologia e seu significado de visão de mundo” se propõe a investigar quanto a uma relação da fenomenologia, em suas principais vertentes da época, e uma visão de mundo. Stein inicia seu texto demonstrando a dificuldade de se estabelecer uma visão de mundo a partir da ciência que, dado seu caráter fragmentário, teria de reunir dados de diversos campos distintos para estabelecer uma imagem de mundo completa. Sendo assim, a ciência em si mesma não seria capaz de fornecer esta visão de mundo explicitada pela filósofa. Já no caso da filosofia, Stein reconhece que a filosofia “secularizada”, como ela define os esforços empregados desde Kant, se coloca a um exame de todos os pressupostos de

cada campo da ciência e procura “estabelecê-los sobre base sólida e de possibilitar assim que verdadeiramente se fizesse ciência”. Neste caso também estaria renegado a filosofia o papel de projetar esta visão de mundo explicitada, porém, no caso da fenomenologia, Stein vê de forma distinta a aplicação deste problema. A fenomenologia acaba por se diferenciar do neokantismo e da ciência em si pelo fato de não se orientar pelo método das ciências, mas sim pelas coisas mesmas, e por elas traçando o método, assim a fenomenologia se situa não somente sobre o método científico, mas também por toda experiência pré-científica como também por todos os métodos de caráter racional. Assim, a fenomenologia ocupa um local distinto no que se refere a uma visão de mundo e Stein parte a investigar sobre a possibilidade de a mesma se referir a uma imagem de mundo completa.

Palavras-chave: Fenomenologia; Visão de mundo; Método.

O trágico e o sublime: caminhos para uma formação integral do homem em Friedrich Schiller

Matheus Oliveira Pinheiro da Silva

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: A presente comunicação investiga a filosofia do trágico em Friedrich Schiller, a partir da análise da relação entre o sublime e a tragédia, e sua articulação com o projeto de educação estética do autor. Schiller é pioneiro na formulação de uma filosofia do trágico ao associar a experiência estética do sublime à arte, em especial à tragédia, onde o sofrimento e a resistência moral do herói suscitam no espectador aquilo que denomina “sublime patético”: uma experiência estética que eleva o indivíduo e desperta a consciência de sua liberdade. A tragédia, nesse sentido, não se limita à exposição do embate entre o herói e forças adversas, mas revela a capacidade humana de transcender a causalidade da natureza e afirmar sua autonomia racional, configurando-se como instrumento de educação moral ao convidar o espectador a reconhecer a dignidade humana mesmo diante do sofrimento inevitável. Defende-se que, ao transpor o sublime da natureza para a arte, Schiller fundamenta as bases para uma educação estética capaz de integrar razão e sensibilidade, preparando o indivíduo para o exercício consciente de sua liberdade. Além disso, propõe-se a preencher uma lacuna deixada nas *Cartas sobre a educação estética do ser humano*, onde a função pedagógica do sublime não é devidamente desenvolvida, prevalecendo o papel formativo do belo. Nesse sentido, a comunicação propõe uma reinserção sistemática do trágico e do sublime no projeto schilleriano de formação estética, estabelecendo um vínculo entre ética e estética e ressaltando a importância da experiência trágica como meio de educação para a liberdade.

Palavras-chave: Trágico; Sublime; Educação estética.

Teologia política e teoria da constituição: uma luta de gigantes acerca do mito em Weimar

Caio Henrique Lopes Ramiro

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: De saída, tomamos de empréstimo no título do presente trabalho a caracterização feita por Giorgio Agamben em seu *Stato di eccezione* que se refere a uma luta entre gigantes protagonizada por Walter Benjamin e Carl Schmitt. O ponto focalizado por Agamben é o estado de exceção. A presente proposta também tem essa categoria jurídico-política como alvo, contudo, pretende explorar a questão de sua fundamentação ligada ao mito político. Para tanto, a partir de revisão bibliográfica, procedeu-se a interpretação dos textos de nossos autores guia. Nesse sentido, o trabalho busca examinar o escrito *Para uma crítica da violência* (*Zur Kritik der gewalt*) de Walter Benjamin, publicado em 1921. Em um primeiro momento tem-se a pretensão de verificar as possíveis aproximações entre Teologia Política e Teoria da Constituição, ou seja, como se apresentam imagens categoriais da filosofia do direito – fundamentalmente da teoria da constituição –, e sua ligação com a violência, como, por exemplo, as ideias de poder constituinte e poder constituído, pensadas a partir da leitura da teoria política do mito de Georges Sorel. Nota-se que o texto de Benjamin aparece dentro do conturbado período da República de Weimar e no mesmo ano de importante publicação de Carl Schmitt, a saber: *A ditadura* (*Die diktatur*). O já conhecido enfrentamento entre Benjamin e Schmitt apresenta um confronto de perspectivas críticas ao Estado de Direito weimariano e, pode-se dizer de leituras e contra leituras, especialmente do texto soreliano *Reflexões sobre a violência*. Ao que parece há também um embate de abordagens e apropriações do mito político em sentido teológico-político. Por um lado, Benjamin pretende refletir, a partir do mito soreliano da luta de classes, acerca de um horizonte de justificação e possibilidade de uma violência (divina) sem relação com a forma jurídica (lei/direito), que rompe com dialética perversa da violência mítica, cuja imagem jurídica se apresentará na dinâmica do poder constituinte e sua institucionalização, com o surgimento do poder constituído. Por outro lado, Carl Schmitt vê no texto de Sorel – em especial em trabalho específico do ano de 1923 sobre *A teoria política do mito* (*Die politische Theorie des Mythos*) –, uma forma de pensar as questões ideológicas e de compreender a situação histórico-intelectual do parlamentarismo, surgido na Alemanha após 1919. A partir de tais coordenadas, Schmitt busca a construção da unidade nacional por meio do mito político, com a mobilização – pela via do irracional –, para ação política concreta das massas, a fim de dar combate ao inimigo e garantir um direito do Estado a autopreservação, que tomará a forma jurídica da decisão existencial e soberana acerca do estado de exceção.

Palavras-chave: Carl Schmitt; Estado de Exceção; Walter Benjamin; República de Weimar; Teologia Política.

A querela da ciência média: uma análise filosófica da controvérsia entre livre arbítrio e onisciência divina

Vanessa Freitag de Araújo

Doutoranda – PGF-UEM

Resumo: A pesquisa tem como objetivo investigar a doutrina da ciência média, um tema central na filosofia escolástica, especialmente na obra de Luís de Molina (1535-1600) e Pedro da Fonseca (1528-1599), e suas implicações para o entendimento da liberdade humana e da ciência divina pela perspectiva cristã. A questão fundamental abordada é a aparente contradição entre o livre arbítrio e o conhecimento infalível e eterno de Deus sobre as escolhas humanas. Intentamos compreender como a doutrina da ciência média, que propõe que Deus conhece todas as possibilidades de ação humana sem determinar necessariamente a escolha do agente, foi desenvolvida e articulada no contexto filosófico do século XVI, especialmente nas universidades jesuítas de Coimbra e Évora. A pesquisa busca investigar a contribuição de Fonseca e Molina para essa doutrina, considerando as controvérsias sobre sua autoria. Nessa conjuntura, examinamos como a doutrina da ciência média foi recebida e debatida por outros escolásticos do século XVII, destacando a relevância dessas discussões para a compreensão da filosofia medieval e moderna. Ao explorar tais questões, objetivamos a contribuição para o entendimento histórico e filosófico da ciência média e também analisar novas perspectivas sobre o problema da liberdade e da causalidade divina. Por intermédio de uma análise crítica da recepção de tais doutrinas, contextualizando-as no cenário das disputas entre os dominicanos e jesuítas, a pesquisa busca preencher lacunas na literatura sobre a contribuição da filosofia escolástica, particularmente no contexto acadêmico brasileiro, e lançar luz sobre a influência das ideias de Molina e Fonseca na formação do pensamento filosófico-teológico.

Palavras-chaves: Filosofia; Ciência Média; Livre Arbítrio.

O “anti-” de Wittgenstein e a filosofia

Marcelo Ferreira Ribas

Doutorando – PPGFil-Uel

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão sobre a relação de Ludwig Wittgenstein com a filosofia, especialmente no contexto da fase tardia do seu pensamento – o chamado “Segundo Wittgenstein”. O objetivo é compreender a posição crítica assumida pelo autor no diálogo que estabelece com a tradição filosófica. A esse respeito, o prefixo “anti-”, que denota oposição, resistência ou contrariedade, tem sido ocasionalmente empregado para qualificar Wittgenstein como “antifilósofo” em razão do espaço singular que ele ocupa na história do pensamento. Essa leitura encontra respaldo em diversos aspectos de sua obra, a exemplo do antiessencialismo e do antidogmatismo presentes em sua perspectiva linguística delineada nas *Investigações Filosóficas*, principal texto do período. A crítica à filosofia como teoria não visa substituí-la por outra teoria. Com isso, Wittgenstein desafia e, até mesmo, subverte, um modo clássico de se produzir filosofia. Contudo, qualificá-lo como antifilósofo requer cuidado, pois não se trata de um autor que nega

a filosofia ou a tarefa de filosofar; em vez disso, o que ele faz é mostrar que uma certa direção a que tendem os filósofos deve ser reconsiderada. Nesse sentido, Wittgenstein não nega, nem abandona, a filosofia, mas a reconduz. Como ele mesmo afirma em nota de *Cultura e Valor*: “Ao filosofar, nós devemos descer até o velho caos e aí sentirmo-nos bem” (WITTGENSTEIN, 2024, p. 100). Nesse gesto, seu “anti-” não representa rejeição à filosofia, mas é um indicativo do esforço em reorientá-la sob uma nova perspectiva.

Palavras-chave: Wittgenstein; Antifilosofia; Recondução.

O Local da Referência em *Ideias I* de Husserl

Matheus Marcus Gabriel Mellado

Doutorando – PPGF – UNIFESP

Resumo: Esta comunicação terá como finalidade demonstrar que, na filosofia de Edmund Husserl, a lógica não pode ser fundada a partir de elementos naturalistas ou psicologistas. Veremos que seu pensamento pressupõe a referência como a expressão da evidência entre o percebido e o conceituado. Porém, seu projeto vai em desencontro com o logicismo de Frege, também divergindo do neopositivismo emergente no início do século XX. Podemos verificar que o projeto geral de Husserl nos *Prolegômenos Para Uma Lógica Pura*, busca estabelecer os meios basilares para a investigação científica em geral, o que levou o autor a se indagar sobre as possibilidades de uma lógica pura e se ela seria mesmo o cânone da razão. Além da fundamentação dessa disciplina, seria preciso situar os meios pelos quais ela se conectaria com as experiências do mundo. Assim sendo, seria necessário delimitar uma esfera de subjetividade que não se identificasse com descrições psicológicas da experiência, e que, ao mesmo tempo, servisse de substrato para essas determinações puras. Tal dispositivo, que ligaria a lógica ao mundo, seria a noética, campo de investigação da fenomenologia pura descritiva. Contudo, há um limite da fenomenologia esboçada nos *Prolegômenos* e nas *Investigações Lógicas*, pois ambos a retratam como um mero instrumento auxiliar da lógica pura. Isso faz com que a subjetividade se torne apenas um meio de validação, ou não, das categorias abstratas e unívocas. Essa problemática seria sanada apenas em *Ideias I*, obra na qual Husserl sistematiza o método fenomenológico da redução, delimita o domínio da subjetividade transcendental – assim escapando tanto do naturalismo quanto do psicologismo – e, por fim, estabelece a referência, entre o percebido e o conceituado, por meio da relação entre as estruturas noéticas e noemáticas.

Palavras-chave: Fenomenologia; Lógica; Referência.

O que ensinar sobre lógica? As abordagens sobre lógica(s) nos livros didáticos do PNLD do Ensino Médio entre os anos 2009 e 2024

Rafael da Silva da Silveira

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Inseridos no processo de ensino-aprendizagem, os livros didáticos são instrumentos significativos que possibilitam o agrupamento de textos bases, ilustrações, exercícios, curiosidades e indicações de leituras, músicas e filmes. O reconhecimento da importância desse instrumento data do ano de 1938 com o extinto Instituto Nacional do Livro dando lugar à outras instituições até 1985 com a consolidação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). A Filosofia, compreendida como componente curricular obrigatório a partir do ano de 2008, não foge à regra da utilização do livro didático como instrumento facilitar e aglutinador de reflexões sobre as diversas áreas da Filosofia, dentre elas, a Lógica. Contudo, com o passar das edições e das mudanças de políticas educacionais, nota-se que o ensino de Lógica ora fica restrito em uma abordagem restrita a silogística aristotélica, ora apresentando outras lógicas (mas ainda clássicas) ou até não sendo abordada como área a ser estudada pela Filosofia. Este artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa e crítica sobre a área da Lógica dentro dos livros didáticos de Filosofia utilizados nos “ciclos” do PNLD a partir do ano de 2009 até a consolidação da nova Base Nacional Comum Curricular que enquadra a Filosofia dentro das Ciências Humanas e restringindo determinados debates que são inerentes a própria Filosofia. Vale destacar que tal artigo não visa criticar ou colocar em dúvidas a capacidade crítica dos editores dos livros didáticos, mas sim como as mudanças políticas, sociais, econômicas e educacionais impactaram as transformações desses materiais e as possíveis defasagens em Lógica oriundas de tais mudanças como, por exemplo, a supressão deste conteúdo nas novas edições.

Palavras-chave: Lógica; Ensino de Lógica; Filosofia; PNLD.

Consciência e consciência moral na perspectiva fisiopsicológica

Osni Carlos de Souza Gali

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Para Nietzsche, consciência (*Bewusstsein*) e consciência moral (*Gewissen*), são conceitos distintos, embora interligados. *Bewusstsein*, na maioria dos casos, é vista como a capacidade de perceber, isto é, estar ciente do mundo e de si mesmo, enquanto a *Gewissen* é especificamente a consciência oriunda da interiorização dos instintos e valores sociais. Segundo Nietzsche, a *Gewissen* constituiu o alicerce da própria moral, que é entendida como força interior que se manifesta como sentimento de culpa, remorso e coisas afins. Epistemologicamente, a questão da consciência, mesmo na modernidade, é valorada como fonte da verdade e da razão. Nietzsche, pelo contrário, concebe a consciência como parte superficial de processos mais profundos (infraconscientes) que envolvem o organismo e que teriam o papel de enganar ou ludibriar a realidade. Se consideramos a ‘Vontade de Potência’ como impulso primordial, a *Gewissen* pode ser vista como um fator que limita ou impede sua

expansão, dando origem assim ao que Nietzsche denomina de *schlechtes Gewissen* (má consciência). Ou seja, a má consciência se instala quando a vontade de potência é reprimida pela consciência moral. O autor realiza uma crítica a moral, principalmente a moral cristã, por promover a má consciência, que, ao contrário de valorizar a vida, que é “vontade de potência e nada além disso”, a desvaloriza. Assim, a *Gewissen* atuaria como obstáculo à promoção da vontade de potência, pois ela tende a sufocar os impulsos mais potencializados e implantar o sentimento de culpa com o intuito de responsabilizar o ‘animal homem’ por seus atos. A gênese e o desenvolvimento da *Gewissen*, dentro da perspectiva fisiopsicológica, ou seja, identificar a saúde ou a doença, poderá ser considerada um progresso entre os homens? Esta é a questão que buscamos elucidar segundo preceitos nietzschianos, mais precisamente, de sua terceira e última fase filosófica.

Palavras-chave: Consciência; Consciência Moral; Vontade De Potência; Fisiopsicologia.

Feyerabend e a relação decolonial

Jeferson Scacchetti Prado

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre o pensamento de Paul Feyerabend e o conceito de decolonidade, analisando como suas concepções teóricas podem dialogar com as críticas contemporâneas à colonialidade do saber. O crescente interesse acadêmico pelo decolonialismo reflete as demandas por reformas educacionais que questionam as estruturas científicas e sociais vigentes. Feyerabend, filósofo da ciência, criticou os alicerces do conhecimento ocidental ao propor o anarquismo epistemológico, sem ignorar a imposição de uma filosofia dentro de uma perspectiva pluralista. Com efeito, Feyerabend fez declarações sobre a natureza do conhecimento e a história do imperialismo científico ocidental que estão alinhadas com o pensamento acadêmico e popular posterior sobre descolonização, mas essas contribuições e suas conexões foram praticamente ignoradas. À luz do exposto, Muller (2024) sugere uma correspondência entre os trabalhos de Paul Feyerabend e as perspectivas de descolonização. Embora Feyerabend nunca tenha empregado o termo, a visão do autor sobre a ciência e a cultura envereda pelos perigos da hegemonia do pensamento científico na sociedade. A ideia de Muller (2024) é defendido a partir de quatro pontos: (1) o currículo de referência do ensino e o papel das universidades; (2) a função motivadora de manifestações estudantis; (3) o conceito de “epistemicídio”; (4) o conhecimento epistemológico indígena. Aqui é importante destacar mais um tema abordado por Feyerabend: (5) o problema da medicina científica ocidental. Esse aspecto é amplamente discutido na literatura do autor, com ênfase nos impactos da medicina científica na vida das pessoas e na consideração de métodos alternativos não tradicionais. A filosofia europeia, ao se apropriar de diferentes modelos epistêmicos, consolidou um sistema de dominação intelectual que moldou a relação ontológica entre a natureza e o ser humano. Esse cenário, portanto, destaca a necessidade de refletir sobre a descolonização da própria filosofia.

Palavras-chaves: Decolonialidade; Feyerabend; Conhecimento.

Andarilhos no país das utopias: heterotopia e narrativas de viagem medievais

João Lucas Mota Peixoto Ribas

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: No presente estudo correlacionamos as noções de utopia e heterotopia propostas por Foucault (1966) ao gênero literário das narrativas de viagem estudado pela historiadora francesa Claude-Claire Kappler (1946) em Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média. De acordo com Foucault (2013, p. 19 e 8) a utopia deve ser entendida como um “lugar sem lugar” que fazemos nascer no intuito de apagar o corpo, definido por sua vez como o “lugar sem recurso ao qual estamos condenados”. O maior exemplo de utopia empregado pelo autor são os países feéricos, onde “os corpos se transportam tão rápido quanto a luz, às feridas se curam com um bálsamo maravilhoso na duração de um relâmpago e pode-se cair de uma montanha e reerguer-se vivo” (Foucault, 2013, p. 8) Por outro lado, a heterotopia consiste no espaço onde a utopia se concretiza socialmente, isto é, onde as regras que ordenam a civilização são anuladas ou substituídas (Foucault, 2013, p.11-19) Na obra da historiadora francesa a figura do viajante será descrita como aquela que “percorre lugares onde o outro mundo, o mundo encantado, existe com evidência”. Ademais, a viagem será compreendida como uma ruptura com um estado de imobilidade, que forçosamente coloca o viajante (e talvez o mundo inteiro) em risco. O viajante se arrisca na travessia dos contraespaços heterotópicos e experimenta a utopia para comunicá-la por meio de suas narrativas exóticas, repletas de magias, monstros, prodígios e provações. Por esse motivo se justifica pensar por uma perspectiva heterotopológica as experiências do fantástico que Marco Polo (1252-1324), Jourdain Catala de Sévérac (1280-1330) e Cristóvão Colombo (1451-1501) dentre outros, descreveram em suas obras.

Palavras-chave: Utopia; Heterotopia; Viagem; Maravilha; Fantástico.

Angst e Saṅkhāra-Dukkha: O desconforto como disposição afetiva originária em Heidegger e no Buda

Jeferson Wruck

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Este artigo explora o desconforto existencial como característica ontológica do modo de ser na cotidianidade. Este tema é abordado por meio do diálogo entre o pensamento do filósofo Martin Heidegger e das concepções do Buda Siddharta. Heidegger argumenta que a angústia (*Angst*) é uma tonalidade afetiva fundamental do ser-aí; um desconforto existencial indeterminado que se angustia com ser-no-mundo como tal (Heidegger, 2015, p. 252). Ela desvela a impermanência e a falta de fundamento sólido nas identificações e papéis sociais que assumimos, lançando o indivíduo em uma experiência de estranheza e insignificância. A angústia, que pode manifestar-se explicitamente em crises pontuais, vigora continuamente de forma latente, como um afeto basal do modo de ser. O modo de ser na cotidianidade estrutura-se, ordinariamente, como um movimento de fuga dessa angústia, lançando-nos nas ocupações e distrações do dia a dia como estratégia encobridora da finitude e

da ausência de fundamento essenciais da existência. De forma análoga, o Buda, em sua primeira nobre verdade, reconhece a onipresença de um desconforto existencial (*dukkha*) no modo de ser ordinário dos indivíduos. Este sofrimento, no viés do Buda, não se limita à dor física ou emocional (*dukkha-dukkha* e *viparinama-dukkha*), mas também, e principalmente, abrange um desconforto existencial arraigado (*saṅkhāra-dukkha*) decorrente da ignorância (*avijja*) sobre a verdadeira natureza da realidade. *Saṅkhāra-dukkha*, assim como a angústia heideggeriana, é uma tonalidade afetiva fundamental, um “não nos sentirmos em casa conosco mesmos” (Siderits, 2021, p. 27), que permeia a existência ordinária. Esse desconforto surge da percepção velada da impermanência e da ilusão de um eu substancial, levando à busca incessante por satisfação em objetos e identidades transitórias. Procuramos demonstrar nesta pesquisa que tanto Heidegger quanto o Buda apontam que esse estranhamento age como a disposição originária que move os indivíduos em seu trato com o mundo, constituindo-se anterior e determinante em relação à construção da percepção do si mesmo e dos atos cognoscitivos.

Palavras-chave: Angústia; Dukkha; Disposição Afetiva; Heidegger; Buda.

Semiose Animal

Luccas Vaz Dantas dos Santos

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Buscamos descrever um aprendizado animal mínimo por meio de alguns conceitos emprestados da semiótica. Signos são estímulos ou sinais “pregnantes” de valor, i.e., significantes que correspondem a significados. Assim, e.g., uma pegada no chão pode ou não ter valor para um determinado sujeito. Em animais com capacidades psicológicas avançadas, tomar o signo como um objeto atrelado a um objetivo é fundamental. Tomamos objetos como categorias constituídas de saliências perceptivas organizadas em torno de uma identidade comum. Por exemplo, um leão específico é a instanciação de uma categoria objetual de leão. Já os objetivos são instintos associados a esses objetos, o que os fazem existir. A leoa existe como objeto para a gazela, pois representa um perigo para ela, enquanto a gazela, por sua vez, representa alimento para a leoa. Assim, num mundo de saliências sem significado, apenas algumas adquirem valor para o animal psicológico. Porém, através do instinto, pode haver não somente aplicação sígnica, como também invenção sígnica. Uma função sígnica, aquela correlação entre significante e significado que constitui um valor, pode ser meramente aplicada (a leoa reconhecida e.g.). Mas também pode ser inventada: e.g., o odor deixado pela leoa pode passar a constituir um novo índice, um novo aspecto do objeto “leoa” para uma gazela que se aproximou suficientemente. Essa criação sígnica se aproxima do interpretante em C. S. Peirce. Se o interpretarmos como um código, o interpretante é meramente mecânico ou repetitivo; mas se ele é considerado construtivo, ele age como mediação entre signo e significado. No caso dos animais, é o instinto que guiará a criação de uma função sígnica. Isso é possível devido à existência de uma memória de longo prazo e à capacidade fisiológica de receber estímulos psicologicamente não-sígnicos (sinais).

Palavras-chave: Signos; Instinto; C.S. Peirce.

Tecnologia, Dominação e Resistência: A Grande Recusa de Herbert Marcuse no Contexto do Capitalismo Digital

Carla Tatiane da Silva

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: Este anteprojeto de pesquisa tem como objetivo analisar, sob uma perspectiva filosófica, a perda da consciência crítica no contexto do capitalismo digital, à luz da tradição da Teoria Crítica da Sociedade, especialmente a partir das contribuições de Herbert Marcuse. O eixo teórico parte da análise da razão instrumental como forma histórica de dominação nas sociedades industriais avançadas — não apenas na organização dos meios, mas também na definição dos fins —, resultando na aceitação passiva da ordem estabelecida. Tal dominação comprometeu a autonomia reflexiva dos sujeitos, conformando o que Marcuse denomina "homem unidimensional". Retomando essa crítica, a presente pesquisa propõe a atualização do conceito, considerando as novas configurações tecnológicas que atravessam os diversos domínios da vida social. Busca-se compreender de que modo a racionalidade técnica, mediada pelas tecnologias digitais, tende ao esvaziamento da consciência crítica e ao apagamento da possibilidade de negação — eixo fundamental da "Grande Recusa", entendida por Marcuse como condição para a emancipação humana. Para isso, a proposta metodológica será teórico-bibliográfica, com ênfase na tradição da Teoria Crítica. Serão mobilizadas obras de autores que dialogam com Marcuse, como Arno Münster, que aprofunda a relação entre razão, técnica e emancipação; Douglas Kellner, que analisa a indústria cultural e sua ação sobre a subjetividade; e Robespierre de Oliveira, que discute a atualidade da crítica marcusiana. A pesquisa pretende contribuir para o debate sobre resistência e autonomia no capitalismo digital, propondo uma releitura do conceito de Grande Recusa como possibilidade de afirmar o direito de negar, resistir e imaginar outra forma de existência. A dissertação será estruturada, a priori, em três capítulos: (I) Consciência crítica e razão instrumental; (II) Dominação dos desejos e neutralização da resistência; e (III) Atualizações da Grande Recusa no contexto digital contemporâneo.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Grande Recusa; Herbert Marcuse; Consciência Crítica; Tecnologias Digitais.

A educação como abertura do ser: um estudo filosófico em Heidegger

Tifanny Ioannidis

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: A filosofia fenomenológica de Martin Heidegger possibilita uma análise profunda sobre a constituição do ser-aí humano e o papel da educação na realização de sua existência. Apostando nisso, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como, segundo Heidegger, a educação pode atuar na existência humana de modo a participar da realização do ser-no-mundo. Com base nesse primeiro, objetivos específicos podem ser indicados: a) analisar as contribuições de Martin Heidegger aos fundamentos filosóficos da educação; b) explorar como a analítica existencial do ser-

no-mundo permite pensar a formação humana em contextos educacionais; e por fim: c) discutir de que modo a compreensão heideggeriana acerca da existência pode oferecer subsídios para repensar os processos educativos em uma perspectiva ontológica. A pesquisa procurará validar a hipótese de que a filosofia de Heidegger oferece fundamentos ontológicos para compreender a educação como um processo formativo vinculado à realização do ser-no-mundo. Essa proposta de trabalho filosófico se legitima por colocar em questão um tema que, embora entrevisto na filosofia de Heidegger, não é tão trabalhado, dado a não estar no centro dos interesses da filosofia ontológica do autor. No entanto, explorar tal tema e as questões que dele decorrem pode ser relevante tanto a uma filosofia da educação quanto a uma analítica existencial disposta a pensar o modo com que o ser-no-mundo se forma em contextos de mundo. Justifica-se a presente pesquisa na medida em que a compreensão do ser-aí como projeto — aquele que está lançado no mundo e que se define pelas possibilidades que assume — permite entrever na educação uma abertura para a autenticidade e para a apropriação consciente do próprio existir. Assim, investigar a educação a partir de Heidegger revela-se como uma contribuição relevante para repensar os processos formativos, evidenciando seu potencial enquanto espaço de constituição de si.

Palavras-chave: Educação; Autenticidade; Heidegger.

Tolerância em G. E. Lessing e Herbert Marcuse

Ana Letícia de Souza Candido da Silva

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: O objetivo da presente comunicação é abordar a resignificação do conceito de tolerância, partindo da leitura de Nathan der Weise (1779) de Gotthold Ephraim Lessing e Repressive Tolerance (1969) de Herbert Marcuse. Diante da realidade que perpetua a incompreensão, ainda sobrevive no imaginário coletivo Nathan, o Sábio, como um dos representantes do discurso da tolerância. Enquanto a burguesia ainda se resignava de sua impotência diante do Absolutismo, Lessing defendia a luta contra a opressão social da aristocracia e da ortodoxia religiosa. Quase duzentos anos depois, a consolidação do capitalismo mudou a configuração de forças, de modo que a tolerância transfigurada pela racionalidade tecnológica repressiva da sociedade industrial avançada, tornou-se um meio de preservar o status quo, alerta Marcuse.

Palavras-chave: Tolerância; G. E. Lessing; Herbert Marcuse.

Rap é compromisso: engajamento sartriano na música *Brasil com P* de GOG

Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Este trabalho investiga o conceito de engajamento estabelecido por Jean-Paul Sartre na obra *O que é literatura?*, com foco no rap brasileiro, mais

especificamente na música *Brasil com P*, do rapper brasileiro GOG (Genival Oliveira Gonçalves), lançada em 2000 no álbum *CPI da Favela*. A canção se destaca por sua construção formal, posto que toda a letra é composta por palavras iniciadas com o fonema /p/, o que demonstra uma preocupação estética aliada ao conteúdo de denúncia social. Em sua composição, GOG traça um panorama crítico das desigualdades sociais no Brasil, uma denúncia dos conflitos entre poder e classe. O trabalho propõe uma reflexão sobre a possibilidade de pensar o rap como uma obra de arte engajada, de acordo com as formulações de Jean-Paul Sartre. Para ele, a prosa é o espaço do engajamento; nela, a linguagem é utilizada como instrumento para representar o mundo, enquanto a poesia seria marcada por uma relação estética com a linguagem, com um fim em si mesma. Nesse contexto, o rap aparece como uma forma estética capaz de tensionar essa dicotomia entre os gêneros, uma vez que, apesar de poético em sua forma, assume o compromisso atribuído à prosa, quando escolhe denunciar, provocar e deslocar o ouvinte. Desse modo, a análise da música de GOG à luz da teoria de Sartre permite questionar a tensão estabelecida entre prosa e poesia a partir das definições de engajamento apresentadas pelo filósofo, entendendo o rap como uma prática artística que engaja o sujeito no mundo por meio de um uso crítico e inventivo da linguagem.

Palavras-chave: Engajamento; Rap brasileiro; Linguagem.

O debate hermenêutico na jurisprudência Saudita

Luisa Pastorini de Castro

Graduanda em História – UEM

Resumo: Não há centro de autoridade outro que Deus e o Profeta, e ambos são representados por textos. Diante da expansão dos domínios islâmicos, sua burocratização e institucionalização dos campos científicos, a problemática da interpretação se tornou evidente e segue nos debates contemporâneos. A classe dos eruditos do Islam é conhecida pelo trabalho na compreensão dos significados da palavra de Deus, buscando pela vontade divina que permeia essas palavras. A investigação de autoridade desses eruditos seria ponto inicial para conferir o reportório de autoridade nas questões jurídicas e teológicas, ao mesmo tempo que permitiria a não adulteração dos comandos divinos. O trabalho propõe o estudo dos debates interpretativos sobre o Corão e a Sunna, no contexto saudita, por meio da análise dos escritos dos “eruditos dissidentes”, como Salman al-Awda e Yusuf al-Qaradawi. Com origens diversas, esses estudiosos convergiram na crítica ao ambiente intelectual saudita, sobre principalmente a condução da escolaridade interpretativa quanto às fontes islâmicas. Defendendo uma leitura baseada no equilíbrio e nas prioridades, Awda e Qaradawi legitimaram suas visões interpretativas apoiando-as nos reportes do próprio Profeta, assim uma revolução no meio interpretativo do Corão e da Sunna seria o equivalente a uma aproximação com o legado profético, ou seja, com o modo de condução do Profeta sobre as significações e aplicações dos comandos de Deus. Dessa forma, visualizamos como a posição dissidente pode ser conectada pela tendência hermenêutica de suas propostas que buscaram esclarecer e codificar, com base na Sunna, os mecanismos essenciais na busca por significados na

mensagem islâmica. Um trabalho essencial na exposição do pluralismo e das conexões daqueles que se conectam com o repertório do Islam para pensar sua intelectualidade e identidade.

Palavras-chave: Islamismo; Jurisprudência islâmica; Ativismo político; Sunna.

A origem da linguagem e o *dizionario mentale comune* de G. Vico

Ana Carla Rodrigues Ribeiro

Doutoranda – PGF-UEM

Resumo: Este projeto investiga a origem da linguagem segundo Giambattista Vico, tal como exposta na *Scienza Nuova* (1744), destacando a linguagem como eixo central de sua argumentação. Ao analisar o mundo das nações, Vico estrutura a *storia ideale eterna* em três idades: dos deuses, dos heróis e dos homens. Cada uma dessas idades corresponde a uma relação entre mente-linguagem-mundo, da qual derivam diferentes formas de governo, leis, costumes, línguas etc. As duas primeiras idades — dos deuses e dos heróis — são marcadas pela predominância da sabedoria poética. A linguagem, nesse contexto, é metafórica: na idade dos deuses, há transferência dos corpos para o mundo natural (como no universal fantástico de Júpiter); na dos heróis, a metáfora recai sobre virtudes humanas expressas nos acontecimentos civis (como no universal fantástico de Aquiles). Na idade dos homens, com a razão abstrata, a linguagem se distancia do objeto, tornando-se capaz de expressar ironia, ambiguidade e falsidade. Essa *storia ideale eterna* está associada ao *dizionario mentale comune*, um vocabulário mental partilhado por todas as nações que articula as três distintas relações mente-linguagem-mundo: “o dicionário mental, que dá as origens a todas as diferentes línguas articuladas, com o qual está concebida a história ideal eterna” (§145). Para que esse *dizionario* seja possível, é necessária uma leitura sincrônica das idades, ou seja, como acontecimento contínuo das línguas e modos de significação. A partir dessa lacuna, este estudo questiona: se o *dizionario mentale comune* depende de uma leitura sincrônica, como ele explica a significação das palavras, dadas relações mente-linguagem-mundo tão distintas? Como um símbolo impossível de ser falseado dá origem a uma língua ambígua? O objetivo é investigar a origem da linguagem e a formação do *dizionario mentale comune* em Vico, articulando uma leitura sincrônica da *storia ideale eterna* e suas implicações para a filosofia viquiana.

Palavras-chave: Giambattista Vico; Filosofia moderna; Linguagem; Metáfora.

Herbert Marcuse e a Ideia de Liberdade em Eros e Civilização

Paulo Estêvão Filipe Rossato

Graduado em Filosofia – UEM

Resumo: O presente texto busca oferecer uma provocação para o debate sobre a liberdade. Para tal, usa-se o conteúdo do capítulo onze da obra de Herbert Marcuse, *Eros e Civilização*. No capítulo em questão, Marcuse fala sobre a liberdade humana,

defendendo que a sua definição não a limita a ser um assunto privado, mas a ser também um assunto privado. A liberdade diz respeito ao conjunto de condutas particulares, isto é, próprias de um único indivíduo, porém também diz respeito ao conjunto das ações coletivas, relativas ao todo. Dessa forma, Marcuse introduz, neste capítulo, a problematização da relação entre a liberdade individual e a liberdade coletiva. Em *Eros e Civilização* essa relação é problemática, pois, seguindo nos passos do pensamento freudiano, Marcuse considera a tese de que a expressão da gratificação individual encontra resistência na repressão institucional coletiva. Para Sigmund Freud, a existência pública de uma pessoa necessariamente está em irremediável conflito com a sua existência particular. Contudo, a discordância entre esses dois autores ocorre quando Marcuse, saindo do conformismo freudiano, defende que a intensidade e a natureza daquele conflito podem ser drasticamente mudadas. A imensa culpa sentida pela sociedade constitui para Marcuse um preço insustentável e desnecessário a se pagar pelo chamado progresso civilizatório. No lugar dessa culpa, a filosofia marcuseana propõe a liberdade. Aqui trata-se da liberdade verdadeira, contraposta à liberdade ilusória e repressiva, pois esta se expressa como a capacidade de consumir e de sobreviver aceitando os ínfimos momentos de “lazer” administrado. Finalmente, Marcuse propõe a discussão sobre uma realidade institucional, que reconcilie a repressão e a realização humana.

Palavras-chave: Liberdade; Marcuse; Freud; Teoria Crítica; Filosofia Social.

O lugar da *prudentia* na construção política da *civitas* em Marsílio: a *prima dictio* do *Defensor Pacis*

Peterson Razente Camparotto

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: Marsílio Mainardini, ou Marsílio de Pádua (c. 1280-1343), filósofo, teólogo, jurista e conselheiro político do imperador Luís IV da Baviera, concluiu em 1324 o conhecido tratado político: o *Defensor pacis*. Nessa obra, o pensador paduano teoriza sua filosofia política na primeira parte, na segunda, a sua eclesiologia e, na terceira, as conclusões por ele inferidas a partir do conteúdo anterior da obra. O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a noção de virtude a partir da virtude cardinal da prudência em relação à formação do tipo ideal de governante para os regimes civis de governo à época. O filósofo fundamenta sua teoria política nos textos éticos e políticos de Aristóteles. A hipótese parte do reconhecimento da virtude da prudência no *Defensor pacis* como uma virtude política. Assim, a justificativa que aponta para a organização dos grupos sociais em torno do governo na cidade-estado ou *civitas*, implica na substituição do modelo da igreja que absorvera a vida social dos homens pela denominada comunidade civil perfeita. Nota-se, na *prima dictio* do *Defensor pacis*, que a manutenção da paz ou a organização das partes ou grupos sociais em relação ao todo no contexto da autonomia da *civitas*, relaciona-se ao exercício da virtude da prudência por aqueles indivíduos encarregados do exercício do poder ou governo por meio do processo legislativo, do julgamento dos litígios decorrentes dos excessos do agir humano e da execução das decisões e sentenças que são a garantia de segurança jurídica para o governo com base na vontade do povo. Conclui-se que o

governante prudente é aquele indivíduo politicamente hábil ou apto a manter a paz ou o equilíbrio das relações humanas no contexto da civitas.

Palavras-chave: Virtude; Prudência; Governo; Poder; Igreja.

Brevíssimo diálogo entre a filosofia e o pensamento indígena

Sinclair Pozza Casemiro

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: É indiscutível a necessidade de reflexão sobre alguns temas comuns entre nossas culturas indígena e não indígena. Muitas dificuldades nos cerceiam, entre elas, talvez a mais importante, seja o fato de compartilharmos linguagens e pensamentos de diferentes famílias etnolinguísticas. Esse fato pode resultar em sérias dificuldades também de interação social. A contribuição das mais diversas culturas para a formação de nossa sociedade como um todo é indiscutível. E o caminho é nos apresentarmos uns aos outros, sendo, portanto, essa a intenção desta reflexão. Escolhemos um tema recorrente, embora complexo, para esse brevíssimo diálogo, mas que está no centro de interesse de nossa humanidade: o conceito de corpo e alma. Inicialmente propomos a apresentação e análise do pensamento não indígena sobre o tema por meio de consagrados autores dessa filosofia que possuem diferentes perspectivas: Renè Descartes (1596-1650) e Giambattista Vico (1668-1744). Serão então seguidos de apresentação e análise do pensamento diverso sobre o mesmo tema a partir do pensador não indígena da tradição Tupi-Guarani Káká Werá Jecupé. Na continuidade, contaremos com a perspectiva dos autores Hegel (1770-1831) e Heidegger (1889-1976) sobre a filosofia oriental que representa também o diverso para esses filósofos, numa tentativa de compreender um pouco mais a relação entre o pensamento indígena e o pensamento não indígena. Finalizando, estabeleceremos breve análise e discussão entre as formas de pensamento apresentadas estabelecendo algumas possíveis relações.

Palavras-chaves: Filosofia; Pensamento Indígena; Filosofia Oriental; Religião; Cosmologia.

Perspectivismo ameríndio: possível ontologia para descolonizar o pensamento do povo brasileiro

Francielle Pires Freire Favareto

Mestranda – PGF-UEM

Resumo: O presente trabalho propõe analisar a possibilidade de uma descolonização do pensamento do povo brasileiro, a partir de uma reflexão sobre a teoria Perspectivismo Ameríndio desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro. A obra Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós estrutural servirá de base a essa investigação. O Perspectivismo Ameríndio apresenta, basicamente, um convite à construção de um novo pensar sobre a vida e a natureza, a partir de uma elaboração

intelectual de origem indígena. É no pensamento ameríndio que se encontra a máxima de que animais e humanos são uma unidade. Além do mais, considerando o processo histórico colonizador e suas consequências, a história do povo brasileiro sempre foi retratada do ponto de vista do colonialismo, o que altera drasticamente nosso processo de construção de identidade. O perspectivismo ameríndio, estende as mãos para imaginar um outro conceito de teoria, haja vista, seu objetivo não é classificar cosmologias, mas sim, contra analisar antropologias resignadas a descrever o ponto de vista do nativo com as lentes do observador, ou seja, atribuir conceitos cravados pelo Ocidente para diferenciar e até mesmo rebaixar a cosmologia e a ontologia do nativo, para mais, o perspectivismo ameríndio, infere a existência do ponto de vista como multiplicidade. Nota-se, ao propor uma comparação entre os modos que diferentes povos experimentam seus corpos a contar do ponto de vista do observado, inicia uma reviravolta ontológica. Dessa forma, para alcançar o objetivo desse estudo, descolonizar o pensamento do povo brasileiro, além da obra base do Viveiros de Castro, conta com mais dois filósofos, a saber, Sueli Carneiro, autoridade para descrever a construção do povo brasileiro e Frantz Fanon, filósofo, médico e militante revolucionário que com destreza deu visibilidade as questões relacionadas ao colonialismo.

Palavras-chave: Perspectivismo; Cosmologias; Ontologia; Identidade.

A intuição intelectual como ato da autoconsciência no conhecimento da identidade originária do eu absoluto na obra Sistema de filosofia transcendental de Schelling

João Hentges

Doutorando – PGF-UEM e docente – DFL-UEM

Resumo: Com essa proposta de pesquisa e tese de doutorado pretende-se investigar e fazer uma análise crítica do conceito de intuição intelectual como princípio de autoconhecimento e fundamento último do eu absoluto no Sistema do idealismo transcendental de Schelling, e a importância desse conceito na superação do dualismo necessidade-liberdade presente na filosofia de Kant e Fichte, na primeira fase do pensamento de Schelling. Para tanto, pretende-se investigar e analisar também, como objetivos específicos, o conceito de intuição sensível e intelectual em Kant e intuição intelectual Fichte. Para Schelling, a intuição sensível de Kant impõe um limite à razão em suas pretensões de conhecimento e estabelece um conflito insuperável entre necessidade e liberdade. E Fichte, ainda que admita em sua filosofia a intuição intelectual, converte o seu idealismo em um subjetivismo panteísta restrito à esfera da subjetividade. O primeiro princípio da filosofia transcendental de Schelling é “o ato absoluto da autoconsciência”. Esse ato consiste na “divisão da identidade originária [...] mediante a qual ‘o eu chega a ser objeto para si mesmo’, ou seja, chega a ser um Eu, uma subjetividade”. A autoconsciência como autoconhecimento só é possível como intuição intelectual. A intuição intelectual é o estabelecimento de uma relação direta, sem mediação, na qual o sujeito, enquanto pura atividade pensante produz o seu objeto. A pesquisa terá com foco principal as obras iniciais da carreira filosófica de Schelling, especialmente a obra Sistema do idealismo transcendental, publicada em

1800, e, além disso, obras de estudiosos da filosofia de Schelling. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa voltar-se-á às obras mais importantes de e sobre Kant e Fichte, acerca do tema.

Palavras-chave: Filosofia Transcendental; Idealismo; Intuição Intelectual.

A emergência de nanorrobôs como tecnologias de controle mental

Gian Carlos Galhardo

Doutorando – PGF-UEM

Resumo: Esta pesquisa é motivada pela constatação de que a humanidade tende a se reinventar pelos diversos dispositivos de controle que a atravessam, especialmente pelo uso de nanorrobôs – dispositivos em tamanho nanométricos produzidos por grandes corporações industriais instaladas em todos os continentes do mundo. Estes dispositivos podem se hospedar em vírus, bactérias, protozoários, fungos, plantas e animais, porém nossa preocupação está especialmente no uso de nanorrobôs como tecnologias de controle mental, pois muitos neurocientistas e neurocirurgiões reconhecem que os nanorrobôs são ótimas máquinas para serem instaladas no sistema nervoso humano. Os nanorrobôs podem ser guiados por controle remoto, podem emitir sinais e serem rastreados por satélites, têm a capacidade de mapear as conexões neurais do cérebro, bem como realizar uma cópia do histórico das sinapses de um indivíduo para um supercomputador. Na medida em que as sociedades contemporâneas são movidas por um capitalismo que avança para o colapso do sistema mundial, os nanorrobôs surgem como personagens virtuais e atuais que possuem um grande potencial de circular pelas massas e serem instalados no sistema nervoso da população, em contextos de disputas geopolíticas internacionais ou até mesmo em estado de guerra. A presença ubíqua das nanotecnologias, sobretudo como dispositivos de controle mental, nos leva a conjecturar que a humanidade está passando por uma transformação ontológica sem precedentes. Isso nos leva à hipótese de que os nanorrobôs podem operar como dispositivos moduladores dos corpos e das mentes, promovendo uma transfiguração infinitesimal da natureza da humanidade e dos seus modos de perceber o mundo, pensar, sentir e agir. Sendo assim, pretendemos consultar as obras de filósofos como Gilles Deleuze, Michael Hardt, Antonio Negri, Bernard Stiegler e Rosi Braidotti, considerados autores de uma filosofia “pós-nietzschiana”, com o objetivo de elucidar (a) o possível advento dos nanorrobôs enquanto tecnologias de controle mental; (b) as principais características das sociedades tecnológicas contemporâneas e (c) o processo de transformação ontológica da essência da humanidade.

Palavras-chave: Controle mental; Pós-humanismo; Ontologia.

O problema do ser numa metafísica do ente: notas sobre a relação entre ens e esse em Santo Tomás de Aquino

José Nunes Leite Neto

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: Seguindo a tradição aristotélica, Tomás de Aquino define a metafísica como ciência do ens qua ens, de acordo com a fórmula latina que traduz τὸ ὄν ᾗ ὄν. Embora as traduções e os comentários nas línguas modernas tenham falado de ciência do "ser enquanto ser", é notável que o ens latino, como particípio de esse, corresponde a ente, ou "aquilo que é", quod est. Assim, a metafísica trata do ente enquanto ente, constituindo-se, ainda, como pesquisa etiológica e teológica. Mas a consideração do ente, se é o ponto de partida da investigação metafísica, não constitui o seu termo. Embora não haja definição conceitual do ens, que não é gênero, Tomás divisa a possibilidade de um aprofundamento em direção ao ser, esse, concebido como um princípio distinto. Assim, no Comentário à Metafísica – e avançando sobre um terreno que já não é exatamente aristotélico –, o ente é concebido como aquilo que "tem" ser, "esse habens"; por sua vez, o ente "deriva" do ser como de seu ato fundamental, para além da forma substancial. As fórmulas se multiplicam: o ser é o que há de mais perfeito; é o princípio quo est (pelo qual), não quod est (ente ou coisa); o ser é ato e perfeição fundamental; o ser é o que há de mais íntimo (magis intimum) no ente. Essa dialética da "posse" é ultrapassada no momento teológico da metafísica, quando o Ens divinum é concebido como Esse subsistens, sem a cisão do esse habens. Resta claro, porém, que o ser, destacando-se da simples noção de ente, não pode ser entendido de modo reificado, isto é, como um ente – eis o horizonte para compreender a linguagem tomista. A comunicação que proponho tem em vista a consideração do lugar do problema do ser numa metafísica do "ente enquanto ente", segundo o delineamento da filosofia tomista.

Palavras-chave: Ente; Ser; Metafísica; Distinção.

"Fui à história procurar": vestígios benjaminianos e sintomas žižekianos na dramaturgia de Jorge Andrade

Hugo do Nascimento Paes

Mestrando – PLE-UEM

Resumo: Este estudo, recorte de uma dissertação de mestrado, propõe uma leitura filosófica da obra do dramaturgo brasileiro Jorge Andrade, articulando sua peça A Moratória às ideias de Walter Benjamin e Slavoj Žižek. A partir da expressão usada por Andrade — "fui à história procurar" —, entende-se o teatro andradiano como um espaço de escavação crítica do passado, no qual vozes silenciadas e tensões ideológicas podem emergir. Nesse sentido, a dramaturgia é lida como um palimpsesto da história brasileira do século XX, em que diferentes temporalidades se sobrepõem, revelando memórias fragmentadas e experiências soterradas. Na chave benjaminiana, o teatro de Andrade evidencia os vestígios de uma temporalidade interrompida, resistindo à lógica linear do progresso. Conceitos como o "Anjo da História" e a "imagem dialética" iluminam a cena como espaço de resistência simbólica, capaz de reconfigurar o

passado e expor suas ruínas. A Moratória, nesse contexto, dramatiza o colapso de uma ordem familiar e social diante das promessas vazias da modernização. A partir das categorias propostas por Slavoj Žižek, a violência subjetiva manifesta-se nos embates emocionais entre Joaquim e seus filhos, marcados por autoritarismo e frustração. Já a violência simbólica emerge na linguagem impregnada de valores patriarcais e hierárquicos, que silenciam e inferiorizam. Por fim, a violência objetiva — sistêmica e impessoal — revela-se no pano de fundo da falência da elite rural e na invisibilização dos trabalhadores. Com Žižek, a peça revela-se não apenas como denúncia, mas como sintoma das contradições sociais de um Brasil em transição. Este trabalho propõe, portanto, uma leitura crítica e interdisciplinar de A Moratória, revelando Jorge Andrade como um dramaturgo cuja obra articula memória, crítica social e a denúncia das violências invisíveis que atravessam a história do país.

Palavras-chave: Dramaturgia brasileira; Jorge Andrade; Walter Benjamin; Slavoj Žižek.

A concepção de sociedade segundo Blaise Pascal

Samuel Roberto Silva

Graduando em Filosofia - UEL

Resumo: A moral segundo Blaise Pascal (1623-1662) acha-se sintetizada e organizada mais claramente na Primeira Seção dos Papeis Classificados, particularmente na vigésima sexta parte chamada Moral Cristã segundo Lafuma (Pascal, 2015, p. 141). Ali observamos que o filósofo francês vê a sociedade humana como um corpo (*corps*) orgânico, que faz referência a uma metáfora de São Paulo (Magnard, 2013, p. 17). Sendo o corpo social constituído de membros distintos ou indivíduos entre si, cada um deve ter como regra que o “verdadeiro amor de si não é o amor-próprio, mas o amor aos outros e o amor a Deus” (Magnard, 2013, p. 17), ou seja, a caridade mútua seria o vínculo sustentador da sociedade e o objeto de dever do homem pascaliano para que possa atingir a felicidade (Pascal, 2015, p. 144). Do contrário, o membro que se faz egoísta, que vive no amor concupiscente de si e no querer “fazer-se centro e corpo”, “não faz senão extraviar-se e vacilar na incerteza do seu ser” (Pascal, 2015, p. 141) vivendo assim fora da unidade da sociedade. O trabalho tem, portanto, o foco em evidenciar a concepção distinta que Pascal tem da sociedade (talvez ideal) que não é menos interessante e original do que aquelas de More e Campanella. Focamos nossa hermenêutica no texto principal do autor, qual seja, Os Pensamentos, e nossa revisão bibliográfica em alguns comentadores como Magnard, Marins e Gouhier. Concluímos que, além de Pascal reprovar a falta de unidade na sociedade como princípio de todos os males (Pascal, 2015, p. 162), ainda ressalta que a ação de cada membro tem um papel fundamental dentro do corpo social, que é o distanciamento do egoísmo (Gouhier, 2005, p. 119) para ter uma nova vista sobre o outro (Marins, 2008, p. 88) e, deste modo, tornar-se parte integrante do *uno social*.

Palavras-chave: Sociedade; Moral; Egoísmo; Felicidade.

O declínio estético na cultura grega e a morte da tragédia como sintoma a partir da obra *O Nascimento da Tragédia*, de Friedrich Nietzsche

João Victor Rodrigues Pinto

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: A morte da tragédia, analisada por Nietzsche, coloca um problema ainda maior que não fora muito explorado, isto é, um suposto declínio estético dentro da cultura grega. Este declínio pode muito ser visto como apenas uma mudança, no entanto, tal mudança altera toda a forma de sensibilidade, percepção e até mesmo experiência de um povo. Neste aspecto, esta mudança na estética sofre perdas que não apresentam reparações, pois na relação entre a morte da tragédia e o declínio estético, o desaparecimento do impulso artístico dionisíaco se torna ponto central deste problema. Sobre o desaparecimento do dionisíaco, só foi possível devido ao surgimento de uma força que pudesse se sobressair sobre ele, e esta força está presente na influência do socratismo sobre Eurípedes, que alterou diversas partes da tragédia com suas obras. Das partes da tragédia, o coro, o espectador e a música sofrem alterações que são sentidas e influentes na morte da tragédia. Deste modo, a morte da tragédia, o declínio estético e o surgimento do socratismo, altera, de maneira metafísica, toda uma forma de pensar, de sentir e de existir na cultura grega, no ser helênico. Assim, todo o problema sai do âmbito estético e se estabelece a partir de uma visão metafísica, que vai além da estética objetivada na cultura grega.

Palavras-chave: Declínio; Dionisíaco; Estético; Metafísica; Tragédia.

Um lamentável dicionário de melancolia: a questão do progresso na obra prosaica de Charles Baudelaire

Felipe Silva Terto

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: O objetivo desta comunicação é investigar as considerações acerca do progresso no interior da obra prosaica de Charles Baudelaire. De modo geral, Baudelaire é lembrado sobretudo por sua obra poética, intitulada *As flores do mal*, de 1857, no entanto, a questão sobre os gêneros literários lhe era importante para refletir acerca da relação entre forma e conteúdo do ponto de vista da maneira mais “pertinente” de dar expressão a determinadas experiências. Não por acaso seus diversos textos de crítica de artes plásticas e musicais, aforismos, diários etc., e até mesmo seus também conhecidos *Pequenos poemas em prosa*, de compilação e publicação póstuma, em 1869, no qual a dimensão prosaica e lírica se imiscuem para a introdução de um novo gênero literário que será de suma importância para a posteridade da arte moderna. Isto posto, se em seu livro de poesias a relação entre progresso e processo poético, entre Tempo e transfiguração artística, é mais evidente e apontado pelos seus críticos e comentadores, a questão do progresso e de seu tempo histórico também são objetos de discussão no interior de seus ensaios de crítica literária, em que é a dimensão prosaica da exposição que dá corpo ao pensamento, mas que buscam explicar a situação em que arte se encontrava no interior do desenvolvimento da sociedade mercantil francesa do século XIX. Assim, intentar-se-á

demonstrar como essas suas considerações em seus textos em prosa iluminam a experiência social latente pensada pelo próprio Baudelaire e nos auxilia a compreender o pano de fundo que ganhará expressão nas Flores do mal e, por fim, compreender a afirmação de Walter Benjamin, de que “Perante o spleen” - ou a melancolia -, “a obra de Baudelaire evoca o ideal”.

Palavras-chave: Baudelaire; Progresso; Prosa; Spleen.

Capitalismo como ordem social institucionalizada: condições de fundo e lutas de fronteira

Pamela Pereira Prestupa

Doutoranda - PPGFil-UEL

Resumo: A teoria crítica de Nancy Fraser propõe uma reformulação da compreensão do capitalismo, não apenas como um modo de produção, mas como uma ordem social institucionalizada sustentada por condições ocultas de possibilidade. Tais condições – reprodução social, natureza, expropriação e organização do poder público – não são elementos contingentes ou periféricos, mas sim necessárias à própria reprodução do sistema capitalista, embora tradicionalmente invisibilizadas ou tratadas como externas à economia. O capital depende da manutenção dessas esferas em estado de disponibilidade constante, sem incorporá-las plenamente ao circuito de valorização econômica. Nesse contexto, surgem as chamadas lutas de fronteira, que emergem nas divisões institucionais que separam essas esferas da economia formal. Este trabalho busca discutir como essas condições ocultas estruturam de forma necessária o capitalismo e como as lutas de fronteira – protagonizadas por movimentos feministas, ecológicos, antirracistas e decoloniais – não apenas resistem à exploração, mas questionam as fronteiras institucionais que sustentam o sistema.

Palavras-chave: Capitalismo; Justiça; Lutas de Classes; Lutas de Fronteiras; Reprodução social.

O conceito de *Schuld* em Walter Benjamin

Murilo Clemente da Silva Amancio

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: Em Walter Benjamin, o termo alemão *Schuld*, que significa tanto culpa quanto dívida, é fundamental para sua crítica à modernidade. Em textos como “Capitalismo como religião” e “Para uma crítica da violência”, Benjamin explora como as estruturas econômicas, jurídicas e religiosas da sociedade moderna se fundamentam em uma lógica de culpa perpétua. No capitalismo, por exemplo, ele identifica uma religião sem redenção, em que todos são devedores eternos, vivendo sob o peso de uma dívida impagável. Essa condição substitui a promessa de salvação por um ciclo contínuo de exigência e autossacrifício. No campo do direito, Benjamin vê o sistema jurídico como produtor de violência e culpa. A justiça, em vez de libertar,

reafirma a ordem existente por meio da imposição da culpa legal. Assim, o indivíduo moderno é constantemente culpabilizado, preso a normas que não têm como objetivo a reconciliação, mas a manutenção do poder. Para Benjamin, essa experiência histórica de *Schuld* representa uma crise espiritual da modernidade. Superar essa lógica exigiria não apenas transformação econômica ou legal, mas uma reconfiguração radical da relação entre passado, justiça e redenção — uma tarefa que ele associa à crítica revolucionária da história.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Walter Benjamin; Schuld.

Do Euclides à lógica formal: o desenvolvimento do método científico em Christian Wolff segundo Wolfgang Röd

Fábio César Scherer

Docente – PPGFil – UEL

Resumo: Este trabalho apresenta a tradução comentada do primeiro item do capítulo “A construção do conceito de Estado de Wolff de acordo com o método científico”, parte do ensaio *Geometrischer Geist und Naturrecht* (1970), de Wolfgang Röd. O foco recai sobre o desenvolvimento da concepção metodológica de Christian Wolff, com ênfase na centralidade do método “geométrico”, “científico” ou “matemático” como fundamento de sua filosofia racionalista e, especificamente, de sua doutrina do Estado. Röd reconstrói o percurso intelectual de Wolff, mostrando como, desde sua formação em Jena, ele buscou aplicar à filosofia e à teologia os critérios de rigor e evidência próprios da matemática. Ainda que influenciado por autores como Clavius, Sturm, Weigel, Tschirnhaus e Hamberger, Wolff acabou identificando o método “geométrico” ao procedimento silogístico aristotélico, inspirado pela defesa da lógica formal por Leibniz. Essa assimilação não implicou, porém, uma conversão da lógica em cálculo — como almejava Leibniz — mas sim sua subordinação a finalidades práticas e sistemáticas. A motivação primeira de Wolff advém da teologia: o desejo de obter um conhecimento certo e universal em meio às controvérsias confessionais. A matemática, para ele, tem valor formativo e metodológico, não substantivo: trata-se de um modelo de exposição racional, cuja clareza e ordenação devem ser transpostas para os demais campos do saber. Com isso, o “método científico” torna-se sinônimo da lógica correta. A análise de Röd destaca que a racionalização wolffiana do conceito de Estado depende da aplicação sistemática dessa lógica formal, o que insere sua teoria no horizonte do jusnaturalismo moderno, porém com traços fortemente peripatéticos e sistematizadores.

Palavras-chave: Christian Wolff, método geométrico, lógica silogística, Wolfgang Röd.

A resposta de Kant à crítica de Gentz

Charles Feldhaus

Docente – PPGFil – UEL

Resumo: Este estudo pretende reconstruir as críticas de Friedrich Gentz ao ideal kantiano de uma ordem mundial pacífica tal como desenvolvido em *À paz perpétua*: um projeto filosófico no ensaio *Sobre a paz perpétua*, em que Gentz, ex-aluno de Kant na Universidade de Albertina em Königsberg, classifica as principais alternativas em prol do ideal de uma paz mundial e propõe como alternativa um tipo de realismo político e equilíbrio de forças corretamente compreendido e além disso apresentar um possível resposta de Kant às críticas de Gentz a sua alternativa considerando o que Kant em seus textos e supondo que a alternativa de Kant é uma das alternativas da lista de Gentz, uma vez que ele não nomeia explicitamente Kant, mas o título do ensaio sugere que a obra é uma texto de recepção ao opúsculo de Kant, embora também se dedique a criticar outros pensadores que desenvolveram outras alternativas como Fichte.

Palavras-chave: Paz perpétua; Realismo político; Resposta kantiana.

Considerações sobre influências patrísticas e escolásticas na teologia natural de Christian Wolff

Emanuel Lanzini Stobbe

Pós-Doutorando - PPGFil-Uel

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar e desenvolver considerações sobre influências patrísticas e escolásticas na Teologia Natural de Christian Wolff, sobretudo na interconexão de três tópicos: (1) teodiceia e a compatibilização da imperfeição (mal) das partes com a perfeição (bem) do todo; (2) glória de Deus enquanto espelho das perfeições divinas como o fim último da Criação e do ser humano; e (3) Deus como o Ente perfeitíssimo e suas implicações práticas. Aqui, não discutiremos a exegese das obras de Wolff elas próprias, mas sim buscaremos – debatendo com a literatura secundária – apresentar e analisar influências de autores-chave que, sobretudo indiretamente, foram recepcionados por Wolff. Podemos agrupar, grosso modo, tais influências em dois principais grupos: a tradição agostiniano-franciscana; e a tradição escolástica predominantemente tomística. No primeiro tópico, da teodiceia, Santo Agostinho é o grande ponto de referência, mas também com aporte da filosofia posterior de Santo Tomás; no segundo, da glória de Deus, temos as influências de ambos os grupos; no terceiro, do Ente perfeitíssimo, Santo Anselmo serve de ponto de partida, ainda que tal concepção já seja esboçada durante o período patrístico, e tenha sido veementemente criticada na Escolástica pelo próprio Santo Tomás. Dividimos a apresentação em três partes: (1) apresentamos brevemente a concepção wolffiana dos três tópicos (teodiceia, glória de Deus, e Ente perfeitíssimo); (2) teceremos comentários sobre a recepção feita por Wolff dos escritos de Patrística e Escolástica, geralmente por meios indiretos (sendo o exemplo clássico da literatura secundária a aparente leitura de Wolff da filosofia de Santo Tomás a partir do compêndio de Ludovico Carbone); e (3) recuperaremos elementos das

filosofias de autores paradigmáticos que, sobretudo indiretamente, influenciaram os posicionamentos do filósofo de Breslau.

Palavras-chave: Christian Wolff; Escolástica; Patrística; Teologia Natural.

O otimismo de Nietzsche em tempos decadentes

Wellington Sá da Silva

Mestrando – PGF-UEM

Resumo: A investigação se concentra em uma dimensão que muitas vezes é esquecida na filosofia de Nietzsche: seu otimismo em relação à vida. Embora Friedrich Nietzsche seja frequentemente visto como um crítico da moral tradicional, da religião e da cultura ocidental, o objetivo desta pesquisa é explorar uma visão afirmativa e otimista da vida em um período marcado por sinais de decadência cultural, moral e existencial, como o niilismo e a perda de sentido, Nietzsche não cede ao pessimismo de Schopenhauer. Em vez disso, ele propõe uma reavaliação dos valores e a criação de novos significados. É importante destacar conceitos como a vontade de potência, o eterno retorno e o além-do-homem (Übermensch) como expressões de uma confiança ativa na capacidade humana de se reinventar e transformar o mundo. O otimismo de Nietzsche, portanto, não é ingênuo ou passivo; é trágico e afirmativo. Ele reconhece o sofrimento e a queda, mas insiste na possibilidade de superação e transformação. Assim, mesmo em tempos de crise e declínio o filósofo alemão oferece uma filosofia vitalista que recusa a estagnação e aposta na potência criadora da existência. Com isso, leva a perceber que esse otimismo trágico pode inspirar respostas mais autênticas frente aos desafios impostos pela vida..

Palavras-chaves: Otimismo; Decadência; Superação.

“Indivíduo soberano” e animalidade na segunda dissertação da genealogia da moral

Alexander Gonçalves

Docente – UENP e PGF-UEM

Resumo: Na segunda dissertação da Genealogia da moral, Nietzsche relaciona a “capacidade” humana de prometer a um certo locus de soberania, o que dá ao animal humano, por extensão do domínio que este conquistou sobre si mesmo, o “direito” de exercer o domínio sobre outras criaturas. Para o filósofo alemão, a “capacidade” humana de prometer, bem como o seu “direito” de ocupar o lugar da soberania cósmica, é uma consequência da sua excepcional condição de animal “liberto”. Mas como pensar a “liberdade” do animal humano e, por conseguinte, o seu estatuto de “soberano”, no âmbito do fatalismo inerente à cosmologia nietzschiana? Neste

trabalho, pretendo averiguar a hipótese de que, para Nietzsche, a “liberdade” humana só pode existir enquanto epifenômeno, ou seja, destituída de qualquer positividade. Trata-se, portanto, de um “sentimento” cuja origem está no impulso de negação de sua condição natural e que se revela, em última análise, como um sentimento de “emancipação” da sua animalidade. Se assim for, podemos afirmar que esse impulso, o mesmo que tornou possível o próprio humano enquanto animal que promete, também institui a sua oposição radical: aquilo que ele não é; o que não pode prometer; numa palavra: o animal. É neste gesto negador, que institui a animalidade como ausência e falta de humanidade, enfim, como o não-ser-humano, que Nietzsche inscreve o “direito” do animal que promete exercer o domínio e a soberania sobre outros seres — movimento que aponta para uma genealogia do próprio antropocentrismo.

Palavras-chave: Indivíduo soberano; Animalidade; Liberdade; Antropocentrismo.